

O JORNALISMO SOB O OLHAR DA HERMENÊUTICA FILOSÓFICA DE GADAMER

Maria Silvério*

Índice

Introdução	1
1 Objetividade	2
2 Imparcialidade	4
Conclusão	5
Referências Bibliográficas	5

Resumo

O jornalismo é constantemente confrontado com diversos dilemas, críticas e crises referentes ao seu modo de ser. Mais do que nunca, as novas tecnologias da comunicação e da informação exigem uma reflexão do fazer jornalístico e do papel do profissional na construção da notícia. Este artigo propõe repensar dois pilares fundamentais do jornalismo, objetividade e imparcialidade, a partir de conceitos da hermenêutica filosófica de Gadamer.

Palavras-chave: Jornalismo, Objetividade, Imparcialidade, Hermenêutica, Gadamer.

Introdução

O JORNALISMO vive em constantes crises. Crise de credibilidade junto à opinião pública, incerteza quanto à sua

continuidade frente às novas tecnologias, dificuldade para se afirmar enquanto campo autônomo de conhecimento na academia, dicotomia entre os profissionais que trabalham empiricamente e os pesquisadores da área. De um lado, a sensação de que a teoria não se aplica à prática e é desnecessária, de outro a certeza de que a prática só é possível em comunhão com a teoria. Tantos paradoxos fazem com que os atores que atuam no fazer jornalístico continuem desorientados e o jornalismo parece não evoluir.

No meio desse cenário movediço, este artigo pretende lançar uma reflexão acerca do fazer jornalístico sob a ótica da hermenêutica filosófica de Gadamer. Para tanto, é fundamental demarcar a especificidade epistemológica do jornalismo, que não está clara nem para os pesquisadores da área (Meditsch, 2007). A disciplina só ganhou status acadêmico no Brasil em 1947. O jornalismo é academicamente identificado como pertencente ao campo das ciências da comunicação, ciências humanas, ciências sociais ou até mesmo das ciências aplicadas. Pelo menos uma coisa é certa: o jornalismo não faz parte das ciências naturais, biológicas ou exatas. Portanto, é primordial que os jornalistas reconheçam que sua função não é narrar os acontecimen-

*ISCTE-IUL (Instituto Universitário de Lisboa).

tos aos leitores/telespectadores/ouvintes, levando uma “verdade única” até eles, como fazem os cientistas em seus laboratórios ao buscarem a explicação de determinados fenômenos.

Apesar da indefinição epistemológica, não restam dúvidas que o jornalismo pertence às humanidades e, como nos mostra Berlin (1997), pelo menos desde Giambattista Vico (1668-1744) a tradição humanística está se contrapondo à racionalidade e objetividade científica, já que não é possível compreender os homens, a sociedade ou a história aplicando os mesmos métodos e regras que utilizamos para explicar os fenômenos naturais. É a partir da noção de que as humanidades são disciplinas interpretativas que iremos recorrer à hermenêutica filosófica gadameriana para refletir acerca dos dois principais pilares do jornalismo: objetividade e imparcialidade.

Em sua obra mais notória, *Verdade e Método*, Gadamer reforça a ideia de que as humanidades não devem ser metodologizadas e sim interpretadas e compreendidas. Influenciado pela fenomenologia de Heidegger e a sua noção de *Dasein* (o homem *ser-no-mundo*), Gadamer fundamenta sua hermenêutica na noção histórica-linguística da compreensão. O sujeito (intérprete) e o objeto (texto/obra de arte...) dialogam entre si em busca de um entendimento que os levará a uma fusão de horizontes (o limite de visão/compreensão de cada um) em que a pré-compreensão do intérprete (indissociável de tradição e historicidade) é confrontada com o que está no objeto, possibilitando ao sujeito uma compreensão dotada de novos sentidos.

1 Objetividade

A objetividade é um dos fundamentos básicos do jornalismo. Mas afinal, o que é objetividade jornalística? Como nos mostra Sousa (2001), esta noção advém de três diferentes raízes. Uma delas é a de que o jornalismo seria “um espelho da realidade” e o jornalista apenas faria a mediação entre ela e o público, ideia defendida pela Teoria do Espelho. Outra matriz, explicitada por Schudson, seria a adoção da objetividade enquanto método de garantir a noção de fé nos fatos, já que nos primórdios do jornalismo as notícias eram escritas como se os jornalistas fossem oniscientes. Há também a ideia postulada por Tuchman de que a objetividade seria um método de ritual estratégico, como a citação de fontes e a descrição factual de ocorrências verificáveis, como forma de transformar rapidamente acontecimentos em notícias e ao mesmo tempo resguardar o jornalista de acusações e processos. “Para grande parte dos jornalistas, objectividade é essencialmente descrever factos verificáveis e verificados, citar fontes credíveis, contrastar fontes. Com estes procedimentos, atingiriam a objectividade” (Sousa, 2001: 46). Desta forma, percebemos que os valores da Teoria do Espelho somados à ideia de aplicação do método de rituais estratégicos por parte de um sujeito neutro e anulado ainda dominam a ideologia jornalística.

Vemos que o fazer jornalístico, que será referenciado aqui como o processo de apuração e produção de notícias, é desenvolvido como uma fórmula física ou matemática cuja soma de “fonte A + fonte B - repórter = realidade”, logo, “notícia = verdade”. Desde o início deste processo, cometemos equívocos que não só menosprezam o jornalismo

como também o próprio repórter enquanto pessoa. Com Heidegger a hermenêutica ganhou o caráter ontológico do *ser-no-mundo* (*Dasein*), ou seja, o ser humano é um ente dotado de compreensões do seu próprio ser. O ato de interpretar e compreender só é possível, portanto, devido às pré-compreensões do ente humano.

Quando se ouve alguém ou quando se empreende uma leitura, não é necessário que se esqueçam todas as opiniões prévias sobre seu conteúdo e todas as opiniões próprias. O que se exige é simplesmente a abertura à opinião do outro ou à do texto. Mas essa abertura já inclui sempre que se ponha a opinião do outro em alguma relação com o conjunto das opiniões próprias, ou que a gente se ponha em certa relação com elas (...). Por isso, uma consciência formada hermeneuticamente tem que se mostrar receptiva, desde o princípio, para a alteridade do texto. Mas essa receptividade não pressupõe nem “neutralidade” com relação à coisa nem tampouco auto-anulamento, mas inclui a apropriação das próprias opiniões prévias e preconceitos, apropriação que se destaca destes. (Gadamer, 1999: 404-5)

Quando saímos da redação para apurar um fato, iniciamos um processo de interpretação. Temos uma pauta repleta de informações e esclarecimentos (elaborada por terceiros), normalmente temos alguns dados retirados de outros veículos e, como não poderia deixar de ser, temos a nossa percepção

sobre o tema. Para completar, estamos indo ao encontro das fontes que também possuem seus pontos de vista. A princípio, estamos em uma excelente posição para compreendermos. No entanto, a busca pela objetividade tecnicista nos impede de confrontar, reavaliar, ressignificar todas as opiniões diante de nós.

Não raras são as vezes em que o repórter entrevista uma fonte já em busca de uma declaração específica que irá se encaixar perfeitamente na matéria, estruturada de antemão mentalmente ou no bloco de notas. Ao longo da entrevista, caso essa “fala” não seja declamada, o jornalista insiste em perguntas que levarão o entrevistado a assumir tal ponto de vista. A interação, abertura e receptividade entre jornalista e fonte não existe neste caso. A aproximação com o outro é feita somente para “dar voz” a uma perspectiva e não para possibilitar um intercâmbio entre opiniões prévias, já que o jornalista deve se manter neutro.

O processo de apuração ao invés de se consolidar como um caminho para a interpretação se transforma em um instrumento de reprodução onde o repórter vai de um entrevistado a outro em linhas retas, linhas que normalmente percorrem sentidos opostos devido à exigência de se “ouvir os dois lados da história”. Paradoxalmente, o que a hermenêutica nos mostra é que a interpretação/compreensão acontece em um movimento circular. Em outras palavras, a compreensão do todo se dá a partir das partes e a compreensão destas, por sua vez, se dá a partir do todo.

Na perspectiva de Heidegger e Gadamer, o círculo hermenêutico é, apesar de seu nome, menos um

círculo, que por definição nos reconduz incessantemente ao ponto de onde partimos e é nesse sentido vicioso e estéril, do que uma espiral que continuamente se alarga e abraça novas formas de questionar e compreender a questão que nele nos envolve. Em certo sentido ele é um trajecto sempre aberto de perguntas e respostas que incessantemente se renovam pelo acto mesmo de o percorrer. E sendo verdade que entramos nele em função de uma projecção e antecipação de um sentido, de um conjunto de preconceitos, não é menos verdade que descobrir o sentido das suas partes implica a necessidade de rever essa projecção inicial e de reconhecer a sua natureza conjectural e provisória – e ele define-se portanto como uma relação de co-determinação entre o todo e as partes. (Verde, 2009: 84)

O fazer jornalístico baseado em uma noção de objetividade nega ao jornalista uma experiência autêntica e de qualidade. O trajecto circular requerido na interpretação exige deixar-se experienciar, abrir-se para novas possibilidades. Com isso, o jornalista que supostamente estaria em uma posição privilegiada para participar de uma conversação hermenêutica acaba se transformando em um mero coadjuvante de todo o processo de interpretação e compreensão.

2 Imparcialidade

A isenção é dever de todo profissional da imprensa, conforme estipula o Estatuto do Jor-

nalista. A imparcialidade é um dos princípios éticos da profissão e, desta forma, entende-se que o jornalista que não é isento tampouco é ético. O tema é possivelmente o mais debatido não só pela categoria, como também pela opinião pública que frequentemente questiona a neutralidade dos veículos de comunicação. Todos reconhecem que os jornalistas, antes de qualquer coisa, são seres humanos formados por valores culturais, sociais e históricos. Essas condições, no entanto, não têm espaço no fazer jornalístico.

A busca pela objetividade e imparcialidade é auxiliada por ferramentas como o lide e a estrutura de pirâmide invertida. A padronização textual de colocar logo no primeiro parágrafo as informações mais importantes (quem, o quê, quando, onde, como e por quê) e dar continuidade ao texto deixando as informações mais irrelevantes para o final, ajuda o jornalista a se distanciar e neutralizar-se. Sob esta ótica, os jornalistas ainda atuam como profissionais da “era do *Aufklärung*”, onde a essência dos homens era reconhecida sob o título de “pensamentos racionais” (Gadamer, 1999: 281).

Esta racionalidade faz com que o jornalista negue aquilo que é primordial para qualquer compreensão: os conceitos prévios. Como todo ente humano, histórico e finito, o repórter é formado por preconceitos. A hermenêutica nos ensina que “os preconceitos de um indivíduo são, muito mais que seus juízos, a realidade de seu ser” (Gadamer, 1999: 416). Logo, se desvincular deles é tarefa inatingível. Antes mesmo de nos entendermos enquanto indivíduos, nos entendemos como parte de uma tradição. E tradição é muito mais do que o nosso passado e os nossos valores: é o alicerce de nossos preconceitos.

O processo de interinterpretação/compreensão só se faz possível porque tem os nossos preconceitos como ponto de partida. Desta forma, todo o intérprete que se lança a uma interpretação já possui de antemão uma expectativa, uma noção do que pretende encontrar. E é exatamente o contato com os conceitos prévios do outro que o faz refletir sobre seus próprios preconceitos, reconhecendo outras tradições, outras visões. “Só o reconhecimento mútuo permite a cada um encontrar, com o outro, a palavra ou o ideário simbólico comum, para o qual cada um contribui, de forma especial, com a sua especificidade” (Silva, 2010: 38).

Como pode então o jornalista contribuir com esse processo se a sua tradição deve, por princípio ético, ser negada em nome da imparcialidade e da objetividade? Decerto não será como os hermeneutas românticos que acreditavam que compreender era equivalente a calçar as botas do outro e mergulhar em seus pensamentos (Verde, 2009).

O fazer jornalístico envolve vários atores, cada um com a sua tradição. Ser imparcial significa lançar-se no círculo hermenêutico da compreensão; abrir-se para a alteridade; *transformar-se*. Deixar os preconceitos intactos é o mais forte sinal de parcialidade e negação da verdade.

A verdade, aliás, é o principal compromisso do jornalista. O Estatuto do Jornalista, o Código de Ética e os diversos Manuais de Redação são enfáticos neste quesito. Mais uma vez, Gadamer e a sua obra Verdade e Método se tornam indispensáveis. A verdade é, simplesmente, “verdades”. E elas não estão estáticas em um dado local ou momento esperando para serem desocultadas através de alguma fórmula, conjunto de regras ou métodos. Assim como os homens, elas são

históricas. Elas *acontecem* a partir de uma experiência com o outro onde os preconceitos de cada um são modificados, proporcionando a fusão do horizonte de um com o horizonte do outro.

Conclusão

Não nos resta dúvida de que o jornalista tem um vasto horizonte em sua frente. E para ampliá-lo é necessário, mais do que nunca, ressignificar os valores e conceitos que fundamentam a disciplina. Neste aspecto, a hermenêutica filosófica gadameriana parece ser o ponto de partida ideal já que o que ela se propõe não é nos ensinar a “interpretar e compreender mas o que é que nos acontece quando compreendemos, e assim nos transformamos” (Verde, 2009: 7). Na era da sociedade da informação, o fazer jornalístico precisa *transformar-se* para não perder a sua razão de *ser-no-mundo*. Como nos ensina Gadamer, precisamos ter a consciência de que não são os acontecimentos e a realidade que pertencem ao jornalismo. O jornalismo é que pertence a eles.

Referências Bibliográficas

- Barco, A. P. (2009). *A compreensão no jornalismo literário: um diálogo com a hermenêutica*, disponível em: [Scrib](#) [consultado a 20 de Janeiro de 2013].
- Berlin, I. (1997). “The Divorce between Sciences and Humanities”, in: Hardy, H. *Against the Current. Essays in the History of Ideas*, Londres: Pimlico, p. 80-110.
- Christino, D. (2009). “Jornalismo como hermenêutica da facticidade. Reflexões

sobre uma fenomenologia da Comunicação”, in: *Congresso da LASA (Associação de Estudos Latino-Americanos)*, Rio de Janeiro, disponível em: [Lasa](#) [consultado a 18 de Janeiro de 2013].

Gadamer, H.-G. (1999). *Verdade e Método*. Petrópolis: Vozes, 3ª edição, p. 273-556.

Meditsch, E. (2007). “Novas e velhas tendências: os dilemas do ensino de jornalismo na sociedade da informação”, in: *Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo*, I, (1): 41-62.

Schmitt, V. & Fialho, F. A. P. (2007). “Hermenêutica jornalística: sob a luz da física quântica”, in: *Revista da Comunicação Verso e Reverso*, Ano XXI, 48.

Silva, M. L. P. (2010). *Conceitos Fundamentais de Hermenêutica Filosófica*, disponível em: [UC](#) [consultado a 18 de Janeiro de 2013].

Sousa, J. P. (2001). *Elementos de Jornalismo Impresso*, Porto: Obra Juridica, p. 45-49; 85-99.

Verde, F. (2009). *O essencial sobre explicação e Hermenêutica*, Coimbra: Angelus Novus.